

## INSEGURANÇA ALIMENTAR NO CONTEXTO PANDÊMICO

TAMIRES RODRIGUES SIQUEIRA<sup>1</sup>; <sup>2</sup> RENATA MENASCHE

<sup>1</sup>UFPEL – [tamiressiqueira08@gmail.com](mailto:tamiressiqueira08@gmail.com)

<sup>2</sup>UFPEL – [renata.menasche@gmail.com](mailto:renata.menasche@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi desenvolvido a partir dos dados obtidos durante meu período de bolsista do projeto Fluxos entre campo e cidade: tendências da alimentação contemporânea e vínculo com o Grupo de Estudos e Pesquisas em Alimentação, Consumo e Cultura (GEPAC).

A pesquisa tem como foco primário apontar, a partir de observação no contexto de um bairro popular de Pelotas, consequências diretas da crise sanitária decorrente da pandemia de COVID-19 no aumento da insegurança alimentar. Isso em um quadro em que, apesar das recorrentes recomendações da Organização Mundial da Saúde, no quadro de pandemia de COVID-19, declarada em março de 2020, o governo brasileiro não privilegiou o controle e a mitigação dos danos da crise de saúde pública causada pelo SARS-CoV-2.

### 2. METODOLOGIA

Pensar sobre a insegurança alimentar demandou que eu utilizasse autores clássicos sobre o tema da fome e estudos recentes sobre o tema da insegurança alimentar em tempos pandêmicos. Além disso, dada a densidade e sensibilidade do tema, optei por fazer a inserção em campo usando o aporte da etnografia. E, como estratégia de campo, priorizei pesquisar a partir de elementos próximos a mim, através do que denomino “etnografia de pijama”. Isto é, tento refletir sobre as *mudanças alimentares* pesquisando junto a pequenos comerciantes do bairro onde resido, procurando identificar as mudanças de consumo de seus clientes – entre os quais está incluída minha família –, como percebidas por eles. Dada a proximidade com o campo e a relação de vizinhança anteriormente estabelecida, realizar a pesquisa frequentando os estabelecimentos comerciais habituais mostrou-se uma estratégia eficaz, visto ser reduzido o distanciamento entre pesquisadora e interlocutores.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A desigualdade social, assim como a insegurança alimentar, não são questões originadas na pandemia. A primeira década do século XXI, por exemplo,

é marcada, no Brasil, pelo debate sobre a segurança alimentar na esfera política. Saliento o Programa Fome Zero, criado em 2003, ano em que a pobreza atingiu mais de 61 milhões de brasileiros (IPEA, 2019). O Fome Zero é marcado por colocar o combate à fome na agenda nacional e pensar a insegurança alimentar como fenômeno que ultrapassa as dimensões biológicas. Não obstante, esse programa caracteriza a implementação e investimento de uma série de políticas estruturais criadas com o intuito de superar a problemática da fome e da exclusão social (CASARIL; CASARIL, 2011). Das estratégias políticas então criadas, destaco o Programa Bolsa Família, não só pelo importante papel na redução da fome, da pobreza e da desnutrição infantil, através da transferência de renda, mas também, em 2014, pela saída do Brasil do mapa da fome.<sup>1</sup>

Contudo, apesar da queda histórica, no período, do número de pessoas em situação de insegurança alimentar, os dados da Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), entre os anos de 2017 e 2018, indicavam que 5% da população brasileira encontrava-se, então, em situação de insegurança alimentar grave.

É nesse quadro nefasto de aumento da fome que a pandemia toma forma no Brasil e tem as consequências acentuadas pela desigualdade brutal presente em nossa sociedade, sendo dramática a situação em que se encontram os grupos sociais mais vulneráveis. Como afirma a antropóloga Denise Pimenta (2020, p. 16), “toda pandemia é racializada” e perpassada por recortes de gênero e classe, visto que há maior predisposição de insegurança alimentar em lares de baixa renda, especialmente os chefiados por mulheres, analfabetos, pretos e pardos, em decorrência da dificuldade ao acesso ao mercado de trabalho e à renda (MATTA et al, 2021). Nesse sentido, a crise sanitária soma-se a determinantes socioeconômicos e, apesar da relevância do Auxílio Emergencial, a renda dos grupos vulnerabilizados permanece comprometida, principalmente se tomarmos em conta a elevação, no período, do valor da cesta básica.

Para Martha Pedroso<sup>2</sup>, dona de um minimercado no bairro Fragata, uma das principais mudanças percebidas nos hábitos de consumo de seus clientes, logo nos primeiros meses de pandemia, foi o aumento na procura por marcas

---

<sup>1</sup> O mapa da fome é um levantamento criado pela ONU (Organizações das Nações Unidas) para aferir a situação global de insegurança alimentar.

<sup>2</sup> Mais do que um detalhe metodológico, a escolha da interlocutora em utilizar seu nome original denota a relação de confiabilidade estabelecida durante o trabalho de campo (FONSECA, 2007).

mais baratas de arroz e feijão. Esses são dois itens básicos e essenciais no prato do brasileiro, que tiveram aumento de preço expressivo durante o ano de 2020. Na sequência, foram observados a redução na compra de carnes vermelhas e o aumento na compra de alimentos ultraprocessados, como miojo e salgadinhos de pacote. A interlocutora avalia que mais pessoas estão consumindo esses itens por sua praticidade, mas principalmente pelo fácil acesso, resultante do baixo preço.

Além da diminuição de movimento (de clientes), deu para notar a diminuição no consumo de carnes. O pessoal compra mais frango, pelo preço estar mais em conta, substitui o arroz por massa e compra mais ovos.

A desaceleração econômica é identificada por Martha na diminuição de clientes e, ainda, na quebra de relações sociais anteriormente estabelecidas pelo sistema de “vender fiado”. Com o avanço da pandemia e o agravamento do desemprego, os pedidos para “comprar e pagar depois” aumentaram, mas a inadimplência cresceu, gerando prejuízo para o estabelecimento, daí as restrições ao costumeiro fiado.

Em seu cotidiano e na interação com clientes e vizinhos, Martha percebe não apenas as mudanças alimentares, mas o quadro mais amplo das inúmeras consequências sociais da pandemia, como o desemprego e as estratégias para a manutenção do sustento das famílias, seja pelo trabalho informal ou através de redes de solidariedade.

As percepções da interlocutora estão em acordo com as tendências de consumo alimentar apontadas no Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil, realizado pela Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional, que revelou o consumo irregular de frutas, hortaliças e legumes, bem como o consumo falho ou insuficiente de outros alimentos considerados importantes para a segurança alimentar (VIGISAN, 2021).

#### **4. CONCLUSÕES**

O quadro que antecede a pandemia já era grave, mas com o avanço da crise sanitária, estima-se que, em 2020, em torno de 19 milhões de pessoas eram, no Brasil, atingidas pela fome – como mostra a pesquisa antes citada (VIGISAN, 2021) –, sendo que os impactos sociais e econômicos decorrentes da

pandemia intensificam mazelas sociais anteriormente presentes em nossa sociedade.

Assim, além de conviver com a letalidade do vírus, a população tem lidado com retrocesso nas políticas públicas que incidem sobre a segurança alimentar. É esse o contexto em que a insegurança alimentar grave, que já se encontrava em processo de expansão em 2017 e 2018, tem se tornado ainda mais significativa. É esse o quadro que também podemos vislumbrar tendo como ponto de observação o mercadinho em que se abastecem famílias de um bairro popular, em Pelotas.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASARIL, Kérley Braga Pereira Bento; CASARIL, Carlos Cassemiro. A fome para Josué de Castro e a discussão sobre a segurança alimentar no Brasil. **Revista Faz Ciência**, v. 13, n. 18, p. 145.

DE SOUZA, Pedro HG et al. **Os efeitos do Programa Bolsa Família sobre a pobreza e a desigualdade**: um balanço dos primeiros quinze anos. Texto para discussão, 2019.

FONSECA, Claudia. O anonimato e o texto antropológico: Dilemas éticos e políticos da etnografia 'em casa'. **Teoria e cultura**, v. 2, n. 1 e 2, 2007.

IBGE: **Pesquisa de orçamentos familiares 2017-2018**: primeiros resultados. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Coordenação de Trabalho e Rendimento. Rio de Janeiro: IBGE, 2019.

MATTA, Gustavo Corrêa et al. Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia, 2021.

PIMENTA, Denise. Pandemia é coisa de mulher: Breve ensaio sobre o enfrentamento de uma doença a partir das vozes e silenciamentos femininos dentro das casas, hospitais e na produção acadêmica. **Tessituras: Revista de Antropologia e Arqueologia**, v. 8, n. 1, p. 8-19, 2020.

**VIGISAN: Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil**. Rio de Janeiro: Rede PENSSAN, 2021.